Educação Infantil. Brasília: MEC/SEEF/ COEDI, 1998.

_____ . Plano Nacional de Educação. Lei nº 10.172 de 9 janeiro de 2001.

Bréscia, Vera Lúcia Pessagno. Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva. São Paulo, Átomo, 2003.

CUNHA, M.I. O bom professor e sua prática. 13º Ed. CAMPINAS: Papirus, 2001.

GADNER, Howard. Estruturas da Mente: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GÓMEZ. A. P. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, A. (Org). Os professores e sua formação. 3. Ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997, p.93 -114.

JEANDOT, N. Explorando o universo da música. 2. Ed. São Paulo: Scipione, 1993.

LOUREIRO, Alice Maria Almeida. O ensino da música na ESCOLA Fundamental. Campinas. São Paulo; Papirus, 2003.

MONTEIRO, S. da S.;MARQUES, L.P. Formação em contexto de profissionais da educação infantil: impasses e perspectivas. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO. 12., 2004, Curitiba, Anais, Curitiba: Champagnat. 2004, p.208.

NICOLAU, M. L. M. A educação pré-escolar: fundamentos e didática. 9ª Ed. São Paulo: Ática, 1997.

OLIVEIRA, M. DE S.L.; BERNARDES M. J.; RODRIGUEZ, M.A.M. A música na creche. In: ROSSET- FERREIRA, M. C. eat all (Orgs.). Os fazeres na educação infantil. São Paulo: Cortez, 1998. p.103 -104.

PASCHOAL, J.D. ; ZAMBERLAN, M. A.T. O lúdico e a criança no Referencial

Curricular Nacional para a Educação Infantil. In: ZAMBERLAN, M. A. T. (Org).

Educação Infantil: subsídios teóricos e práticas investigativas. Londrina: CDI, 2005. P.31 - 46.

SHAFER, Murray. O ouvido pensante. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1991. P.88-89.

PSICOMOTRICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A ARTE DE BRINCAR E APRENDER ATRAVÉS DO LÚDICO

SANDRA GARBATO TEIXEIRA

RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender a partir da visão de professores a eficácia do brincar e da psicomotricidade em relação à aprendizagem e o desenvolvimento psicomotor infantil. Tem como objetivo compreender a psicomotricidade e sua importância no desenvolvimento infantil, entender a relação entre corpo e a mente através da psicomotricidade, identificar quais as formas lúdicas que contribuem para o desenvolvimento psicomotor, assim como analisar como a ludicidade contribui para aprendizagem e o desenvolvimento psicomotor infantil.

Palavras Chave: brincar, lúdico, psicomotricidade, aprendizagem, desenvolvimento.

ABSTRACT

This article aims to understand from the teacher's view the effectiveness of play and psychomotricity in relation to learning and child psychomotor development. It aimed to understand the psychomotor and its importance in child development, to understand the relationship between body and mind through psychomotor, identify the playful ways that contribute to psychomotor development, as well as analyze how playfulness contributes to learning and psychomotor development. Children's

Keywords: play, playful, psychomotor, learning, development.

INTRODUÇÃO

Partindo de nossas experiências, estudos e pesquisas prévias, observando que, na maioria das vezes, o brincar, na Educação infantil, não é percebido como um propulsor do desenvolvimento da criança, mas como estratégia em que são inseridos conteúdos escolares, ou como um "tapa buraco", para que o professor tenha tempo de descansar; arrumar seus materiais ou até mesmo conversar com outros adultos. Essa concepção errônea faz com que se diminuam os espaços de tempo para o brincar à medida que avançam as séries do Ensino Fundamental. Este é um trabalho teórico que pretende demonstrar que o lúdico é um caminho fantástico para o educador avaliar seus educandos,

já que ao brincar a criança demonstra como se situa na vida, e, perceber que planejando e proporcionando boas atividades lúdicas elas podem adquirir todas as habilidades psicomotoras que facilitarão o processo de alfabetização, visto que para aprender a ler e escrever é necessário construir conhecimentos de natureza conceitual e desenvolver certas funções neurológicas tais como: coordenação viso motora, orientação tempo-espacial, esquema corporal e discriminação visual e auditiva.

A atividade lúdica revela-se como instrumento facilitador da aprendizagem, possuindo valor educacional intrínseco, criando condições para que a criança explore seus movimentos manipule materiais diversos, interaja com seus colegas e resolva situações problemas (OLIVEIRA, 2000, p. 4).

Pressuponho que a infância deve ser respeitada porque tem um tempo único, que refletirá em toda a vida do indivíduo, a presença dos jogos, brinquedos e brincadeiras na Educação Infantil, requer um olhar diferenciado em nossos fazeres pedagógicos, no sentido de que os tempos de vida somente serão contemplados se virmos o brincar como uma forma de desenvolvimento motor, afetivo, social e cognitivo que não deve ser escolarizada.

Segundo Vigotsky (1998), o brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos.

De acordo com Maluf (2003), o brincar pode ser um elemento importante através do qual se aprende sendo sujeito ativo desta aprendizagem que tem na ludicidade o prazer de aprender, já Borba (2007), considera o brincar como um jeito de ser e estar no mundo.

Para Pearce (1987), a criança não tem capacidade para considerar as noções adultas de mundo da fantasia e do mundo real. Ela só conhece um mundo, e este é exatamente o mundo real no qual e com o qual ela brinca. Não está brincando de viver. Brincar é viver.

A brincadeira é, portanto, para a criança um espaço de investigação e construção do conhecimento sobre si mesma e sobre o mundo. Brincar é uma forma de exercitar sua imaginação, a qual permite que relacione seus interesses e suas necessidades com a realidade de um mundo que pouco conhece. A brincadeira expressa à forma como a criança pensa, organiza, desorganiza, constrói e descontrói o seu mundo.

O brincar é a linguagem secreta das crianças, que devemos respeitar, pois as crianças se expressam através de diferentes linguagens.

O brincar espontâneo é um exercício de criatividade e transformação, onde a criança cria suas histórias e transforma os objetos em personagens e dados dessas histórias; além de proporcionar a interação entre o grupo.

CAPÍTULO I

PSICOMOTRICIDADE E SUA IMPORTÂNCIA

Vivem-se numa sociedade em que se é esquecida, e por vezes desrespeitada as práticas motoras de uma maneira geral. Na educação infantil ou mesmo no ensino fundamental, esta prática, ou melhor, esta cultura também é adotada e reproduzida, não se levando em conta à importância que o desenvolvimento global pode trazer para o ser humano em formação, neste caso, as crianças. Pais, sociedade, ou mesmo professores, apenas preocupam-se com o intelectual, o cognitivo explicitamente dito, pois em grande parte para "chegar a algum lugar na vida" faz-se necessário à evolução dos saberes, em detrimento ao desenvolvimento total, ou seja, nos âmbitos do social, afetivo e o cognitivo. Encarando estes três pontos, social, afetivo e cognitivo como essenciais e imprescindíveis para a completa evolução do ser humano, a psicomotricidade, como ciência, angaria cada vez mais profissionais, interessados em práticas e conhecimentos que leve a fundo o conhecer e desenvolver o homem. A educação intencional com a estimulação psicomotora significa oferecer a possibilidade de se explorar a todo o entorno da criança, utilizando ela mesma ao próprio corpo como instrumento exploratório da realidade em que ela está inserida, comunicando-se com o mundo, tendo experiências e resgatando o antes com o agora experimentado, apropriando-se do concreto e o englobando as suas práticas. Para esta questão, o psicomotor pode ser assim entendido como diz Gonçalves (2010, p.85): Entende-se "psicomotricidade" como uma ciência que se estuda o indivíduo por meio do seu movimento; movimento esse que exprime, em sua ação, aspectos motores, afetivos e cognitivos, e que é resultado da relação do sujeito com seu meio social. O movimento psicomotor está carregado de intenção, pois é resultado de uma ação planejada (psico) voltada a um fim determinado. A Ação com um fim determinado, com uma intencionalidade, uma significação, utilizando como ferramenta o próprio corpo da criança e todas as suas possibilidades, motoras, sociais e intelectuais, traduzindo-a em tudo isso como um facilitador do aprendizado. A estimulação sensorial é parte fundamental da psicomotricidade, como Fonseca (2004, p. 52) relata que "[...] a integração sensorial da espécie humana inicia-se no útero maternal como prérequisito do desenvolvimento e da aprendizagem e prolonga-se [...]" com isso, entende-se que desde a fase fetal, o ser humano já é exposto a uma grande quantidade

de estímulos vindos do meio exterior, levando-o ao desenvolvimento de suas capacidades. Tendo isso em mente, os canais como a visão, audição, olfato, tato e paladar, tornam-se alguns dos principais condutores de tudo aquilo que vem do exterior, integrando todas as informações e as transmitindo ao cérebro e seus sistemas: É o cérebro que cabe organizar um sistema de comunicação de milhões de dados para que as respostas adaptativas façam parte do repertório do indivíduo, por meio das quais ele se apropria de aprendizagens não verbais e verbais múltiplas [...]. (FONSECA, 2004, p.52). Segue abaixo curtas reflexões sobre alguns canais sensoriais adquiridos ao nascer, segundo Fonseca (2004), Ferland (2006), Gonçalves (2009) e Gonçalves (2010). Visão: o primeiro e mais importante meio de comunicação com o social, composto em especial pelos olhos sendo o mais preciso e rápido canal condutor de informações, como diz Fonseca (2004, p. 58) "a visão assume um papel de vigilância, alerta, atenção e de prontidão para a comunicação que mais nenhum outro sentido pode desempenhar [...]". As aptidões visuais do bebê levam-no a centrar a sua atenção num objeto, a fixa-lo, a seguir as suas deslocações, a registrar as suas características, a avaliar as distâncias, a observar o rosto das pessoas, a decifrar a mensagem afetiva que transmite e a comunicar as suas necessidades e desejos. (FERLAND, 2006, p.54) Audição: importante meio/canal de aprendizagem, pois através dele recebem-se os diversos tipos de sons com sua grande pluralidade. Não se esquecendo de que através da audição a criança incorpora os sons da língua materna ao seu repertório. Graças à audição, a criança localiza a origem dos sons, avalia as distâncias, familiariza-se com o som ambiente, o que lhe proporciona um sentimento de segurança. Percebe igualmente a tonalidade afectiva de uma mensagem e desenvolve interesse pelas palavras e pelas vozes que ouve. (FERLAND, 2006, p.52) Olfato: sentido ligado ao prazer e as condições de sobrevivência. Revela-nos odores de realidades desagradáveis como animais putrefatos ou de gás, demonstrando com isso perigo ou pode desencadear e estimular o apetite, ou nos levar a recordar emoções contidas: A criança experimenta igualmente diversas emoções ligadas aos cheiros, pois os receptores situados nas narinas encaminham as sensações olfactivas para as zonas do cérebro que estão associadas à memória e às emoções. Eis a razão de, por exemplo, o cheiro de um livro novo nos lembrar dos nossos primeiros dias de escola.

(FERLAND, 2006, p.57) Tato: "o feto humano rodeado pelo líquido amniótico já sofre na pele múltiplas estimulações táteis", como bem escreveu Fonseca (2004, p. 55). Uma infinidade de estímulos, estes que mais tarde condicionarão a pele como órgão sensorial. Através do tato explora-se o universo exterior, como a noção de temperatura, dor ou mesmo pressão. O sistema táctil permite que a criança pequena entre em contato com os outros e com objetos, que desenvolva um sentimento de segurança, que tome consciência do seu corpo e que registre as características dos objetos. (FERLAND, 2006, p. 50) Paladar: percepção dos sabores devido às papilas gustativas. Através dele discrimina-se a enorme gama de estímulos captados pela língua, como o doce, salgado ou mesmo o amargo. É o sentido que nos permite reconhecer os gostos de substâncias colocadas sobre a língua. Nesta, estão localizadas as papilas gustativas, que são estruturas compostas por células sensoriais que transmitem ao cérebro informações que o permitem identificar os gostos básicos: o amargo, o azedo, o salgado e o doce. (GONÇALVES, 2010, p. 40). A estimulação dos aspectos sensoriais faz-se muito necessária, pois o ser humano depende dos mesmos para alcançar e desenvolver o seu lado psicomotor. O desenvolvimento psicomotor (cognitivo, emocional, motor e social) da criança, subentende, assim, uma integração sensorial em construção sequencializada e integrada. Sem ela o desenvolvimento global não seria possível. (GONÇALVES, 2009, p.69). Compreendendo o psicomotor nesta razão, a prática de se estimular ao todo em projetos educacionais deve ser incorporada ao meio escolar, e não negar a qualquer um dos sentidos/canais torna-se uma necessidade soberana. Ensinar a criança a utilizar o próprio corpo como ferramenta a ser explorada e a se desenvolver, é de fato muito importante para a aquisição de novas competências escolares, mas sempre respeitando e enfatizando aos alunos de que todos, inclusive os próprios, possuem limites. Quanto às práticas a serem colocadas no plano escolar, o professor de educação infantil deve conhecer sobre o que é motricidade e seus elementos básicos, ter em mente que trabalhar com o corpo e seus sentidos, não se limita apenas as aulas de educação física, mas sim a uma ação coordenada envolvendo a todas as disciplinas a serem ministradas aos alunos. O aparato motor que o ser humano possui é individual, pois os canais como a visão, audição, tato, paladar e olfato são estimuladores do psicomotor e únicos, "[...] cada criança traz na sua carga genética [...]" como disse Gonçalves (2010, p. 29). Nesta razão, estimulálos acima da idade referencial pode ser prejudicial, pois ainda não houve maturação física e neurológica necessária. Todavia, é importante não oferecer estimulações excessivas à criança, o que iria de certa forma sobrecarregar os seus circuitos sensórias [...] Todavia, a estimulação deve ser suficiente para despertar o que a rodeia. Portanto, nada de dietas, mas também nada de excessos de estímulo. Para lhe permitir descobrir-se e contactar com o mundo que a rodeia, basta prodigar-lhe cuidados calorosos, fazê-la participar em atividades agradáveis e oferecer-lhe um ambiente que suscite o seu interesse. (FERLAND, 2006, p. 59) A tomada de consciência por parte da criança do seu corpo deve ser algo estimulado e ensinado na escola, pois as bases da educação psicomo-

tora são essenciais para um melhor nível de desenvolvimento das capacidades intelectuais tão exigidas pela sociedade. Conhecer e registrar o nível motor das crianças é muito importante para o professor, pois como disse Rosa Neto (2002, p.27): O padrão de crescimento e de comportamento motor humano, o qual se modifica através da vida e do tempo, e a grande quantidade de influências que os afetam, constituem fomento para diferentes teorias científicas e sustentam a evolução de estudos que se caracterizam pelas técnicas de pesquisa e pelos meios utilizados na obtenção de dados, os quais são elaborados e discutidos como forma de elucidar os diferentes caminhos que perfazem a existência do homem e sua evolução física, orgânica, cognitiva e psicológica. Conceitos, ilustrações e teorias adicionam ao contexto a estrutura necessária para que tais estudos possam legitimar-se e oferecer fundamentos fidedignos sobre as hipóteses que pretendem estabelecer e discutir. É importante lembrar que o caráter estatístico de nível normal de referência dos testes não engloba o mesmo valor para todas as populações, tendo em vista os aspectos afetivos e sociais. Propor desafios na educação infantil para se aferir o desenvolvimento motor é uma prática interessante, pois com eles verificamos se as crianças estão em crescimento pleno e adequado para sua idade e se não possui alguma dificuldade motora que possa estar dificultando o crescimento do mesmo. O que é educativo na atividade motora não é a quantidade de trabalho efetuado nem o registro (valor numérico) alcançado, mas sim o controle de si mesmo – obtido pela qualidade do movimento executado, isto é, da precisão e da maestria de sua execução. (ROSA NETO, 2002, p. 17). Com isso em mente, a atividade motora aplicada, e o resultado obtido, se for considerado abaixo do esperado, nunca deve ser de tom pejorativo ou depreciativo para a criança, e o professor consciente deve encorajar o desenvolvimento das habilidades particulares de cada indivíduo, e nunca julgá-la como incapaz, como no caso explicitado abaixo por Bee (2003, p. 149): [...] treinadores amadores, com frequência, conhecem pouco as habilidades motoras normais das crianças [...] quando eles veem uma criança que ainda não consegue arremessar uma bola com habilidade ou chutá-la de forma desastrosa, eles a rotulam de desajeitada ou descoordenada. Estão elencados abaixo os aspectos verificados no teste Escala de Desenvolvimento Motor (EDM) do doutor Francisco Rosa Neto e constam no capítulo posterior sua aplicação e resultados obtidos junto ao publico alvo investigado em voga. A Motricidade Fina segundo Rosa Neto (2002, p. 15) "o transporte da mão para um alvo termina pelo ato de agarrar o objeto, o que representa uma das atividades humanas mais complexas". A motricidade fina é um ato de coordenação, controle e destreza, caracterizada pela estimulação táctil e da percepção-visual do indivíduo e requer precisão do movimento para desempenhar habilidade específica. Como exemplos de atos que demonstram motricidade fina, estão os movimentos de preensão e pinça motor trípode (polegar-indicador-anular), como rasgar papel livremente, recortar, pintar e escrever. Nos anos do ensino fundamental, as habilidades motoras finas melhoram com rapidez, possibilitando a criança não só escreva mais clara e facilmente, mas também toque um instrumento musical, faça desenhos e desenvolva habilidades esportivas que requerem coordenação motora fina. (BEE, 2003, p. 147). A Motricidade Global refere-se ao envolvimento de grupos musculares em ação simultânea, coordenada para execução de movimentos complexos. Os movimentos resultantes poderão ser realizados por diferentes membros, sem perder seu valor. É a atividade primitiva e permanente do músculo, formando o fundo para as atividades motoras e posturais. O tônus muscular é o que assegura a preparação da musculatura para a maioria dos movimentos e atividades práticas. (GONÇALVES, 2010, p. 100) A motricidade global evolui com a maturação dos sentidos da visão, audição e tato e como exemplo pode-se citar manter-se em postura ereta, caminhar nas pontas dos pés e calcanhares, pular como sapo, coelho, pular corda e balançar-se em um pé sem ajuda. O Equilíbrio é a ação que diferencia segmentos corporais. Fonseca (2004, p.72) diz que "sem domínio postural o cérebro não aprende, a motricidade não se desenvolve e a atividade simbólica resulta indubitavelmente afetada". Sem o equilíbrio necessário, o cérebro perde a orientação, não consegue economizar energia em seus movimentos, e o equilíbrio estático (capacidade de manter certa postura sobre uma base de sustentação) e o equilíbrio dinâmico (orientação controlada do corpo em situações de deslocamento no espaço com olhos abertos) são afetados. Gonçalves (2009, p. 44) relata que "a criança com uma equilibração adequada executa suas atividades com menor esforço e desgaste, mantendo uma movimentação harmônica e coordenada". Com a automatização de equilibração, o indivíduo vai adquirindo o dinamismo bimanual e bipedal, em equilíbrio estático e dinâmico. Uma ação realizada com o controle da equilibração traduz a economia, a eficácia e a estética do movimento, ou seja, ação de maior rendimento e menor esforço. (GONÇALVES, 2010, p. 103). O Esquema Corporal significa tomar conhecimento do próprio corpo, com capacidade de reconhecê-lo e nomeá-lo, incluindo as funções básicas que cada parte realiza no todo. É a representação relativamente global, científica e diferenciada que o indivíduo tem de seu próprio corpo em um contexto concreto, isto é, a capacidade de reconhecer e nomear as partes do corpo e as funções que elas desempenham. (GONÇALVES, 2010, p. 105) Como exemplo, pode-se citar o identificar as partes que compõem o corpo, reconhecimento dos sentidos, identificação e diferenciação das partes corpóreas. Com todo esse

repertório englobado as suas práticas, a criança desenvolve a imagem corporal, que consiste em conhecer ao próprio corpo. A noção de corpo traz a consciência do ser como vivente e pertencente a um meio particular. A criança com uma boa noção de corpo executa suas ações apoiando-se nos segmentos corporais, atribuindo a cada um deles a sua porcentagem de responsabilidade por um movimento bem executado. (GONÇALVES, 2009, p. 48). A Organização Espacial segundo Rosa Neto (2002, p. 21) "todas as modalidades sensoriais participam em certa medida na percepção espacial [...]". Acima, abaixo, à frente, atrás, esquerda, direita, distante, profundo, dentro e fora. São reflexões espaciais que são definidas conforme diferentes receptores nos trazem informações. Pode-se citar como exemplos exercícios de transposição como inverter as cores, substituir um elemento por outro, modificar o tamanho de um desenho; exercícios de simetria simples e desenhos inacabados. A evolução da noção espacial destaca a existência de duas etapas: uma ligada à percepção imediata do ambiente, caracterizada pelo espaço perceptivo ou sensório-motor; outra baseada nas operações mentais que saem do espaço representativo e intelectual. (ROSA NETO, 2002, p. 22). A Organização Temporal é o transcorrer do tempo que é definido pelos mais variados órgãos sensoriais dos corpos, sendo essa definição estruturada em especial pela memória, com a qual se percebe a velocidade constante do tempo, ou seja, o futuro, o passado e o presente, pois "[...] elabora-se e constrói-se por meio da ação do movimento e dos dados sensoriais que são colhidos pelos sentidos, permitindo a ordenação, organização e processamento da informação" como disse Gonçalves (2009, p.51). A Lateralidade refere-se às vivencias e noções de direita e esquerda com a realidade ao redor. Também a preferência de utilização das partes simétricas corpóreas como olho, mão, perna e pé. Rosa Neto (2002, p. 24) diz que "a lateralidade está em função de um predomínio que outorga a um dos dois hemisférios a iniciativa da organização do ato motor, o qual desembocará na aprendizagem [...]", por isso identificar a lateralidade da criança é muito importante para colocá-la em condições essenciais para uma boa educação. Segundo

Gonçalves (2010, p. 109), "a lateralidade é função da dominância lateral, tendo um dos hemisférios à iniciativa da organização do ato motor e, o outro, a função de apoio e auxilio, que incidem no aprendizado e no desempenho das práxis" Existem outras maneiras de se aferir o nível motor em que as crianças se encontram, mas para este trabalho foi escolhido o EDM em razão de sua praticidade e facilidade de aplicação, não exigindo ou consumindo tempo vultoso para realizá-lo, apenas neste caso, profissionais com conhecimento do mesmo e seu embasamento teórico. Seguem abaixo, contribuições que a psicomotricidade pode gerar para a aprendizagem segundo escreve Gonçalves (2010, p. 116 e 117): Melhorar a organização dinâmica; respostas motoras mais ajustadas; repostas e escolhas mais rápidas aos estímulos; economia e libertação do gesto; [...] aperfeiçoar a ritmicidade; desenvolver a adaptabilidade; manter as integridades sensoriais; [...] propiciar a resolução de problemas, levando às crianças a formular suas próprias hipóteses; [...] estimular a organização e a ordem ligadas à rotina diária; [...] promover o ajustamento da criança as várias solicitações das competências escolares, levandoa a experimentar o conhecimento a partir do seu corpo, transferindo-o, então, para fora dele. Como dito neste capítulo, a psicomotricidade é muito importante para o desenvolvimento global da criança. Com práticas escolares voltadas para o total do aluno, e não apenas o seu intelectual, reforçar seus sentidos, seus canais receptores e seus aspectos pessoais, faz-se de muita necessidade, para poder chegar ao pleno desenvolvimento cognitivo.

ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR

Segundo Le Boulch (1984, 16-17), a psicomotricidade desenvolve-se em três etapas evolutivas:

1ª etapa: "corpo vivido" (até 03 anos de idade). Começa nos primeiros meses de vida, onde o bebê ainda não tem noção do próprio corpo, a consciência do "eu". Nesta fase ele se confunde com o meio, se encontra em total simbiose e não consegue se perceber. No início desta fase os movimentos são ações motoras que não são pensadas para serem executadas, pensa-se fazendo, ou seja, suas ações são espontâneas. A criança quando nasce não tem noção do seu corpo. Seu conhecimento de corpo vai sendo construído à medida que ela é tocada, acariciada ou mesmo quando se machuca. Assim, vai percebendo, sentindo, "lendo" o mundo com seu corpo, e aos poucos, organizando-o e organizando-se. Dessa forma, a ação motora nos primeiros anos de vida se torna extremamente importante para esta troca com o meio. Enquanto a criança brinca, ela observa seus pares, se olha no espelho e por prática dessas ações aprende. Aprendem pela experiência, nesta fase tem-se uma necessidade grande de movimento e é através dele que ampliará sua experiência motora e cognitiva. No decorrer do processo quando a criança evolui por meio de suas experiências de exploração do corpo, do espaço e do tempo, torna-se possível construir a primeira imagem do corpo, separando-o do mundo e dos objetos, o que caracteriza a próxima etapa do desenvolvimento psicomotor.

2ª etapa: "corpo percebido" (03 a 06 anos de idade). Começa aproximadamente por volta dos três anos, quando a criança passa a se perceber iniciando assim a tomada de consciência do "eu". Nessa fase ela se diferencia do meio e organiza seu corpo, quando

organiza o espaço, que é determinado pela posição que o corpo ocupa. O corpo agora é o ponto de referência para se situar e situar os objetos em seu espaço e tempo. Nesta etapa a criança descobre sua dominância lateral, os conceitos espaciais como perto, longe, acima ou embaixo começam a ser discriminados. Noções temporais aparecem e é possível agora entender a duração dos intervalos de tempo, de ordem e sucessão de eventos (antes, depois, durante). A característica desta fase é que o mundo é organizado sobre um ponto de referência bastante individualizado, a noção do "eu" está mais estruturada, é uma fase onde o egocentrismo se faz presente. Corresponde à organização do esquema corporal devido à maturação da "função de interiorização" que é definida como a possibilidade de deslocar sua atenção do meio ambiente para seu próprio corpo a fim de levar à tomada de consciência.

3ª etapa: "corpo representado" (06 a 12 anos de idade). Começa aproximadamente por volta dos seis anos quando a criança já tem noção do todo e das partes de seu corpo, fala, usa e o desenha de forma elaborada, assume seus movimentos e os controlam se locomove no espaço com autonomia e independência. É capaz de atuar por representação. A representação mental da imagem de corpo no início desta etapa é estática. Mais tarde, a imagem mental adquire movimento, tornandose estrutura cognitiva, ou seja, operatória. No final desta fase a criança já tem uma imagem de corpo operatória, usa o corpo para efetuar e programar mentalmente ações, isto é, o corpo é estruturado em pensamento e não precisa necessariamente que a ação motora esteja presente, ela programa, projeta, imagina e executa com o pensamento a ação do corpo. Para Le Boulch o objetivo principal da educação psicomotora é precisamente auxiliar a criança a chegar a esta imagem de corpo operatório, quando a mesma torna-se capaz de efetuar e programar suas ações em pensamento, sendo também capaz de organizar-se e de combinar diversas orientações. O ponto de referência já não é mais o próprio corpo; como pode executar, operar no nível mental, é possível se orientar agora por objetos exteriores a si e os pontos de referência podem ser escolhidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao discutir o fato de que a infância é uma construção histórica cultural e que o "brincar" é o propulsor do desenvolvimento cognitivo, social e mental da criança, percebe-se que na maioria das escolas de Ensino Infantil, esta nova definição de infância ainda não está consolidada. Muitas práticas pedagógicas ainda levam à escolarização, é fazeres que promovem o desenvolvimento funcional, deixando para segundo plano as atividades significativas que garantem o principal desenvolvimento da criança: o evolutivo, que diz respeito ao trabalho com sentimentos, com a reestruturação do sistema de relações pessoais entre ela e as pessoas que a rodeiam, permitindo-lhe novos níveis de compreensão da realidade.

No ímpeto de preparar para a alfabetização, esquece-se que a infância é o tempo em que a criança precisa formar para sim as capacidades humanas. Que em cada idade há uma maneira específica de se relacionar com o mundo físico e social.

Que em cada idade se aprende de um jeito.

Para contemplar essa nova concepção de ser humano, exige-se da educação outros valores que levem a um processo de humanização. Um processo que compreenda, respeite e promova a especificidade do aprender na infância.

É com este novo olhar do trabalho do educador da infância, que é necessário entender que para a criança aprender a ler e escrever faz-se necessário que já tenha desenvolvido outras capacidades, das quais só se apropria quando está brincando. O brincar é a forma como ela mais aprende porque cria, se relaciona com o outro, estabelece regras, aprende a resolver problemas, a tomar decisões, observar o outro e os direitos do outro, estabelecendo uma relação mais coerente e o controle da auto conduta. Por tudo isso, o professor da Educação Infantil não dá aula. Ele observa, interfere, conversa, escuta. Dá vez às crianças para o desenvolvimento das culturas infantis, oportunizando que conversem entre si, dialogando seus saberes, suas interpretações de mundo.

O professor de Educação Infantil não tem alunos, tem crianças que aprendem em forma de vivências, passeios, conversas, brincadeiras.

As salas de Educação Infantil não são de aula, são de atividades significativas que promovem o desenvolvimento do autocontrole da conduta e a função simbólica da consciência, que somente depois de muito exploradas promoverão a apropriação da escrita.

O brincar de faz-de-conta desenvolve o pensamento abstrato da criança, por isso o professor tem que ter um olhar acolhedor e investigativo para o jogo simbólico de suas crianças. A criança brinca do que vivência em casa, fornecendo dados para que o professor possa entender o contexto social em que está inserida e interferir, se necessário. Ao brincar ela realiza toda uma investigação e exploração, construindo o seu próprio pensamento.

As brincadeiras conduzem as crianças para as coisas sérias, por isso o professor deve misturar o que é divertido com o que é tema do conhecimento, aguçado a curiosidade da criança e mostrando a utilidade desse conhecimento no seu cotidiano, fazendo-a aprender para a vida. Deve articular o lúdico

de maneira a interagir com todas as áreas do conhecimento, envolvendo todos os sentidos e explorando muitos ambientes.

O brinquedo desenvolve as interações, as relações, a fala a mente e o corpo.

Portanto, o "brincar" na Educação Infantil tem que ser um direito, tem que estar disponibilizado a qualquer momento para a criança, em todos os espaços da escola.

Para a Teoria Histórica Cultural, o conceito de desenvolvimento está ligado a uma capacidade que não existe na criança, ela é adquirida através do contato com a cultura e com um medidor mais experiente. Segundo Vygotsky, a aprendizagem precisa acontecer para que o desenvolvimento se faça e este é condicionado ao que o sujeito vai aprendendo pelo seu contato com a cultura do lugar e do tempo em que vive.

Se o papel do educador é possibilitar a formação global, integral de seus educandos, e, se o processo de aprendizagem envolve um parceiro mais experiente, um sujeito mediador, com vontade e em atividade, conclui-se que quanto mais o professor criar o contato, a experiência da criança com a cultura, mais esta criança se desenvolverá, formando cada vez mais aptidões. Portanto, quanto mais o professor for capacitado, mais chance terá de desenvolver habilidades em seus alunos, pois entenderá o valor das atividades lúdicas para a infância.

Ao constatar que faz somente cem anos que se iniciou a Educação Infantil e apenas trinta anos que começaram as Creches no Brasil, pressupõe-se que os educadores ainda estão aprendendo "o quê" e "como" ensinar. Por isso, é de extrema importância que se pense a infância como sinônimo de humanização, por ser o tempo da apropriação da cultura, da formação e reprodução das qualidades humanas (aptidões, capacidades, potencialidades, funções psíquicas); formação da inteligência e da personalidade da criança. O "brincar" é concepção de infância, é a principal atividade da criança de 0 a 6 anos de idade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUNÇÃO, E. e COELHO, José Maia Tereza. Problemas de Aprendizagem. São Paulo: Ática, 1997.

BARRETO, S. J. Psicomotricidade: Educação e Reeducação. 2. ed. Blumenau:

Acadêmica, 2000.

BOULCH, Jean. O desenvolvimento psicomotor – do nascimento até 6 anos. Trad.:

Ana G. Brizolara, 2ª ed., Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.

FONSECA, Vitor da. Psicomotricidade. 2ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 1988. LE LE BOULCH, Jean. O desenvolvimento psicomotor – do nascimento até 6 anos.

Trad.: Ana G. Brizolara, 2ª ed., Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.

LIMA, Aline Souza; BARBOSA, Silvia Bastos. Psicomotricidade na Educação Infantil.

Artigo do Colégio Santa Maria. São João de Meriti. Janeiro de 2023. Disponível em:

> http://www.colegiosantamaria.com.br/santamaria/aprendamais/artigos/ver.asp?artigo _id=9

MALUF, Ângela Cristina Munhoz. Brincar: prazer e aprendizado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de (org.). Educação Infantil: muitos olhares. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PEARCE, Joseph. A criança mágica. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

VYGOTSKI, L. S. O papel do brinquedo no desenvolvimento. In: A formação social da mente. 6. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.